

Considerações Finais

De acordo com Berlinck (2003), um bom pesquisador deve ter audácia e ambição ao escolher seu tema de pesquisa. Entretanto, para a feitura de uma dissertação de mestrado, tal pretensão deve ser modesta. Escolhemos um tema vasto e complexo, e acreditamos que o primeiro passo para conciliar tais parâmetros era definir um recorte claro e preciso. Para Berlinck, ainda, as respostas são muito menos importantes que as perguntas:

“Uma pesquisa em psicanálise se sustenta, então, em primeiro lugar, pela transferência. Esta, por sua vez, por colocar o psicanalista num lugar muito específico que é o lugar de um saber a respeito de um enigma, lança imediatamente o psicanalista numa atividade de pesquisa pois ele sabe ou, pelo menos desconfia, de que ele não sabe aquilo que o paciente supõe que ele sabe” (BERLINCK:2003).

Toda pesquisa comporta um enigma, e a definição da teia de relações entre a situação problemática e a produção cultural já existente a respeito do enigma formulado é que nos indica o caminho a seguir. Escolhemos seguir o caminho percorrido por Green, sem deixar de nos colocarmos atentos ao que a ele escapa. Ao mesmo tempo, sabíamos que a nós muito escaparia. Muitas questões importantes foram por nós deixadas de lado e, entre elas, gostaríamos de destacar a modificação, na teoria dos afetos, propiciada pela dissociação dos estados de prazer e de desprazer dos fatores econômicos de distensão e de tensão, onde o ritmo e as seqüências temporais das modificações, propostos por Freud, complexificam o conceito de qualidade.

Mas, de uma maneira esquemática, podemos reconhecer três lugares na elaboração de nossa cena teórica: aquele ocupado pelos que postulam ao afeto uma função adaptativa, onde podemos vislumbrar o afeto ora como um fluxo desorganizado, ora como mensagem indicativa; o lugar para nós pouco conhecido da teoria lacaniana, onde a articulação entre a transferência e o trauma aponta o lugar do afeto, e onde esse é o portador de um engano; e o lugar ao qual Green se

filia, onde o afeto ocupa o lugar central quanto ao destino das pulsões, e possui um valor eminentemente simbólico. Na verdade, não há nada de unívoco em tais considerações, quando olhamos de perto a maneira como cada autor inflete o seu uso. É preciso ressaltar ainda, conforme Vieira (1996), que um mesmo autor pode se inscrever em posições diversas.

Souza aponta que a definição de pulsão como representante psíquico possibilita aos lacanianos compreendê-la como efeito da incidência da linguagem. Se, no início, Lacan enfatizou a dependência da pulsão em relação ao simbólico, mesmo quando ele passou a considerá-la como heterogênea em relação àquele, foi pelo efeito do modo forclusivo de operar da linguagem. Por outro lado, a pulsão como limite do psíquico a define como um pólo de intensidade expressiva que, em uma “dialética produtiva” se contrapõe ao aparelho psíquico, compreendido basicamente como organização representacional. Para o autor, André Green é um dos representantes dessa posição teórica. Assim, temos para a primeira definição de pulsão, uma concepção de afeto como “sentido a ser reduzido para que o novo sentido possa surgir” (SOUZA:2001). Enquanto que, para a segunda, o afeto é concebido como “excesso que abala o sentido dado para a produção do novo sentido” (SOUZA:2001). Nesse contexto, ambas as teorias “ênfatisam a relação de desafio entre o simbólico e aquilo que o excede: o excesso afetivo, para os primeiros; o real do objeto com falta, para os segundos” (SOUZA:2001) ¹.

Com efeito, a indefinição dos limites da abordagem do afeto na teoria e na prática freudiana dificulta o estabelecimento de seu estatuto teórico. As tentativas de articulação entre o afeto e a representação não chegam a uma solução satisfatória. Buscando orientar nosso trabalho de pesquisa, formulamos nossa hipótese de circunscrição dos problemas gerais da concepção do afeto na teoria psicanalítica, através da constituição de alguns eixos de análise: além das relações entre o afeto e a representação, as relações entre a quantidade e a qualidade e as relações entre o afeto e o inconsciente.

Neste ponto, incluímos o conceito de angústia, pela mudança radical operada a partir da segunda teoria da angústia no campo do afeto. Constitutiva da organização psíquica; a angústia foi considerada por alguns, resultado de um

¹ De acordo com este autor, enquanto que nessas duas teorias o “não simbolizável” desafia o simbólico, nas teorias da relação de objeto, o “não simbolizável” enfatiza as condições de possibilidade para o seu exercício. Para um exame maior da questão, ver SOUZA:2001.

excesso, por outros, presa e marca do trauma, ou ainda, sinal que protege o sujeito, ao prepará-lo para o perigo, ao mesmo tempo em que o deixa “à deriva” (BARROS:2003). E nos descobrimos nos movimentando tão somente em função de modelos próprios a espaços conceituais distintos, aparentemente polarizados. O conceito de linguagem e sua relação com a simbolização foi o que encontramos com frequência em nosso percurso. Acreditamos, assim, que a problemática do afeto pode ser resituada a partir de um estudo aprofundado dessas novas categorias de análise, em suas relações com as categorias já apresentadas, na tentativa de revelar seus contrapontos possíveis.